

## ATELIÊS DE ESCRITURAS E O MAL-ESTAR DOCENTE: INVESTIGAÇÕES EM UMA ESCOLA DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

TAINÁ MOLINA SCHNORR<sup>1</sup>; CARLA GONÇALVES RODRIGUES<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [tainaschnorr@hotmail.com](mailto:tainaschnorr@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [cgrm@ufpel.edu.br](mailto:cgrm@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Segundo Müller (2012), quase 50% da categoria docente pode estar apresentando algum tipo de transtorno psíquico, pois mais de 70% alegam viver com tensão, nervosismos e preocupações constantes. Em estudo realizado na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, constatou-se que é alta a prevalência de sintomas associados ao humor depressivo ansioso, ao decréscimo de energia vital e aos sintomas somáticos. É fato que a preocupação com a saúde e bem-estar docente tornou-se um tema considerado relevante frente à necessidade percebida nesta contemporaneidade. Isto porque, ocorreram variações nas relações interpessoais, nos modos estabelecidos para comunicação e modificações nas experiências vivenciais com o tempo-espaço. Além disso, as relações entre professor, escola, família e sociedade, modificaram-se significativamente. Desse modo, percebe-se que tais fatores são os maiores causadores do debate no que tange ao desconforto professoral no exercício cotidiano da sua profissão.

Desconforto esse que, segundo Esteve (1999), provém de um aumento das responsabilidades e exigências para com os educadores, ocasionando problemas de identidade (transferência de funções da sociedade ou da família para a escola); o aparecimento de novos agentes de informação (inovações tecnológicas, com as quais alguns professores se adaptam e outros não); o questionamento acerca dos valores a serem transmitidos pelos educadores; a pressão social de um sistema que impõem mudanças à profissão docente e o avanço contínuo do saber (revisar conteúdos naturalizados e incorporar novos conhecimentos).

As características internas das instituições escolares que limitam a atividade docente (horários, reuniões, etc.), a violência nas instituições (agressões físicas, depredação, roubo, drogadição) gerando sentimentos de inquietude, as agressões verbais e insultos que põem à prova a autoridade do professor e a falta de tempo para atender as múltiplas necessidades, são mais elementos responsáveis pelo adoecimento professoral. Para Esteve (1999), o “mal-estar docente” é uma expressão utilizada para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo. Estes afetam a personalidade do professor, sendo resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência.

Nessa perspectiva, para enfrentar a temática docência contemporânea, foi necessário evitar as armadilhas do pensamento moderno dualista, para assim acionar a dimensão da existência coletiva na prática professoral, delineada pelas forças constituintes dos processos de subjetivação. Por esta razão, este trabalho é portador de um esforço que articula e tenta produzir um pensamento teórico-metodológico que faça frente às estruturas de controle e aos regimes de assujeitamento. Com isso, possibilite emergir estratégias de resistência e de criação no que tange às narrativas afirmativas do estado doentio em que se encontram os professores nos dias de hoje. Para tal, o estudo definiu como *lócus* empírico uma

Escola da Rede Estadual de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Como ação intervencionista, a investigação operou por meio de ateliês oferecidos aos professores da já mencionada escola, visando ativar as quatro funções do ego: pensamento, percepção, criação e comunicação (ZIMERMAM, 1993). Uma aposta nos Ateliês de *Escreleituras* (escrita-pela-leitura e leitura-pela-escrita) pelo fato de tratar, sempre, de alguma escritura; ou seja, de uma escrita singular, promovida por um leitor-escritor ou escritor-leitor (BATHES, 2004). Portanto, trata-se de uma escreitura que é autoral e que não é possível imitar, pois não pode funcionar como modelo de leitura ou método de escrita, visto que essas são avaliadas por sua capacidade de traduzir acontecimentos, capaz de produzir efeitos artísticos, transformar forças em novas maneiras de sentir e de ser, engendrar diferentes práticas de educar e revolucionárias formas de existência (CORAZZA, 2011).

## 2. METODOLOGIA

Consiste em uma investigação qualitativa do tipo intervencionista, com abordagem cartográfica, realizada em uma escola da Rede Estadual de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, ocupada da constituição de saberes e fazeres relativos ao mal-estar docente.

Para Rolnik (1989), entende-se a cartografia:

[...] não a visão dos fatos, estes mais do que passados e repassados. Mas a audição das intensidades, vibração dos fluxos: no corpo. Registro daquilo que se passou no invisível – o que não é feito de imagens, que não pode ter testemunha ocular -, e que nem por isso é menos presente e violento do que o que se passou no visível (ROLNIK, 1989, p. 285).

Na perspectiva adotada destaca-se que o objetivo da cartografia é desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanentes. É possível afirmar que a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades, afastada da representação de objetos, pois, quando o cartógrafo entra no lócus empírico, há processos em curso. A cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separam teoria e prática, espaços de reflexão e de ação.

A intervenção se deu por meio de *Ateliês de Escreleituras* “*Encontro escrelendo uma vida – Máquina de guerra para uma existência contemporânea*”. Divididos em dois momentos, possuindo quatro horas cada, realizados com 26 professores da EJA (noturno). O primeiro deles denominado “*Ateliê Conatus*” e, o segundo, “*Rabiscos de sensações de um corpo criancero*”.

Sobre o *Ateliê Conatus*, é possível contar que, primeiramente, foi lido o texto *A metamorfose* de Kafka em HQ. Na sequência, realiza-se estudo dos conceitos corpo, alma, *conatus* e potência de vida em Spinoza e Nietzsche. Compondo o conjunto a apresentação de um trecho do filme *Quando Nietzsche chorou*, demonstrando a ideia de eterno retorno.

Com isso obtém-se conjunto filosófico-artístico a fim de criar procedimentos para interferir na linguagem, no esburacamento do que está posto, com forças ativas de uma vida docente, dita adoecida pelos recursos da pesquisa científica. A oferta desses materiais foi intercalada com exercícios livres de escreleituras, culminando na reunião das escrituras em três grupos para a criação de personagens e,

posteriormente de um *podcast* – pequenas novelas de rádio.

Rabiscos de sensações de um corpo crianceiro caracterizou-se por proporcionar aos participantes vivências crianceiras. O grupo participante foi convidado a experimentar circuitos compostos por subsídios filosóficos e artísticos, intercalados por elementos do universo infantil. Em seguida realizou-se um exercício de *blablação*, no qual os professores conversavam consigo, experimentando outras formações de palavras, quase como balbucios, criando uma linguagem própria e explorando-a. Após a *blablação*, foram propostas brincadeiras como Batatinha 1,2,3..., Estátua e Escravos de Jó

Para estabelecer conversação sobre o vivido durante o Ateliê, fez-se as seguintes questões: Quais relações são possíveis de estabelecer entre os dispositivos utilizados neste Ateliê, a vida professoral e a composição de escrituras? Por fim, os participantes foram convidados a montar um “livro”, reunindo as folhas A2 recebidas no início do Ateliê.

### 3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Segundo Pichón (2005), quando se aprende, são abandonados modelos estereotipados de ver o mundo e a realidade em que se está inserido. Sendo assim, apostou-se na proposta interventista dos Ateliês de Escrituras, realizada na modificação de modos cristalizados de orientar a vida desde a crença em uma narrativa de adoecimento, advinda do modelo científico empregado e impregnada na atuação profissional.

Para substituir os papéis estereotipados, pretendeu-se o aprendizado através da escrita e da leitura de variados materiais vindos da arte, da filosofia e das ciências educativas, articulados nos dois Ateliês durante a pesquisa intervenção – *Conatus* e Rabiscos de sensações de um corpo crianceiro. Tais dispositivos favoreceram a ampliação do campo sensível dos participantes no ato de escrever sobre o que se lê e ler sobre o que se escreve, por isso, o uso do termo *escrituras*.

O primeiro dia dos Ateliês, encontro inicial entre participantes e a equipe de pesquisadores, foi marcado por impressões de inibição e reserva, mais do que isso, de resistência e rejeição do trabalho proposto. Parecia estarem atentos ao líder, aqui reconhecido como a professora ministrante desse encontro. Eles agiam com comportamento caracterizado por rechaço do “especialista”, observado no resguardo dos seus pensamentos e opiniões, constituindo conluios com os colegas da Escola.

No segundo Ateliê, já se percebeu uma interação muito maior entre os integrantes do grupo, principalmente após as primeiras brincadeiras infantis. O grupo realizava o proposto inicialmente (a elaboração de um livro crianceiro) e construía possibilidades de mudanças (mesmo que ainda abstratas) no que tange à crença de adoecimento que operavam, podendo afrouxar, mesmo que infimamente, subjetividades estereotipadas.

Os Ateliês privilegiam elementos de funções científicas, de conceitos filosóficos, de perceptos e afectos artísticos, extraídos de obras já realizadas, que outros autores criaram em variados planos, tempos, espaços, línguas, como as suas efetivas condições de possibilidade, necessárias para a própria execução; e, ao mesmo tempo, como seu privilegiado campo de experimentação, necessário para as próprias criações de leitura-e-escrita. Com esses elementos originais, constitui um campo de variações múltiplas e disjunções inclusivas, que compõe linhas de vida e devires reais, promove fugas ativas e desterritorializações afirmativas de uma vida potente.

O trabalho intervencionista com Ateliês de Escrita demonstrou outra forma de fazer clínica, distante do modelo individualista herdado da Medicina, mais próximo da maneira social e institucional, propositoras de intervenções criativas, que apostam na liberação da potência vital (*conatus*). É fato, as mudanças subjetivas são lentas e não graduais, pois cada indivíduo, quando nelas implicado, age e pensa em um grupo incluindo suas experiências, conhecimentos e afetos prévios, de modo a tornarem-se operativos, ou seja, geradores de mudanças pretendidas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Ateliês de Escrita favorecem outras maneiras de pensar, ou melhor, pensar-se, com a possibilidade do mal-estar docente como produção de enunciados que visam despotencializar o sopro de vida professoral. Uma intervenção que destitui o conjunto de enunciados que sustentam esse discurso, previamente definidos como uma identidade a ser alcançada, possibilitando a construção de critérios de existência para uma vida que também é docente, mas não somente docente. Os Ateliês, em seus procedimentos de leitura-e-escrita, implicam o campo do vivido, dos sentidos, das sensações e das invenções. Solicitam um tempo que não é o cronológico, mas o da duração, autorizando a fazer atravessamentos na ortodoxia dos textos, para existirem a seu modo. Além disso, atividades grupais favorecem para o aumento da autopercepção e da comunicação interpessoal, trazendo a riqueza de um processo de construção de novas formas de convívio consigo, gerando e estimulando uma relação mais saudável com suas dores vitais, contrapondo-se a serenidade da mortificação do ato de criação do ser professor.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATHES, R. **Inéditos**: v.1 – teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CORAZZA, S. M. Notas para pensar as oficinas de transcrição (OsT). In: HEUSER, E. (org.) **Caderno de notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá, EdUFMT, 2011.
- COSTA, S. G. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1257-1272. 2005.
- ESTEVE, J. M. Z. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. 3. ed. Baurú: Edusc, 1999.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.
- MÜLLER, D. et al. **Cuidado!** A saúde da educação está em perigo. Publicação do coletivo estadual de saúde do CPERS/Sindicato, 2012.
- PICHÓN RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ZIMERMANN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.